



ENTREVISTA

“Formas de dizer de si e do mundo: autobiografias e de educadores”

Entrevistada: *Margaréte May Berkenbrock Rosito*   - Doutorado em Educação-UNICAMP; Pós-Doutorado em História da Educação – Universidade de Lisboa. Mestrado em Educação e Currículo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUCSP, graduação em Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Atua como professora e pesquisadora do Programa Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação e Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais. Editora da Revista @mbienteeducação-UNICID, Avaliação Capes A2. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação e Bioética, Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade, História de Vida, Memória, Narrativa (Auto) Biográfica, Educação Estética na formação inicial e continuada de professores, gestores e pesquisadores. Líder do Grupo de Pesquisa cadastrada no CNPq: “Educação Estética, Formação e Narrativa”.

Vínculo Institucional: Universidade Cidade de São Paulo - UNICID.

Dialogia: De forma breve, destaque o seu percurso acadêmico/profissional.

Margaréte May Berkenbrock Rosito: O meu percurso acadêmico e profissional foram traçados paralelos. Iniciei o trabalho no magistério ainda adolescente. Em 1979, fui professora adolescente quando estava no último ano do Ensino II Grau: Magistério, lecionei para crianças com 05 anos, era chamado Jardim de Infância. Em 1981, aprovada no Concurso Público do Magistério do Estado de Santa Catarina, como professora do Ensino de primeiro Grau, hoje, Fundamental I. Neste mesmo ano, iniciei a graduação em Pedagogia, na Universidade Federal de Santa Catarina, inicialmente, habilitação: Pré-Escolar e depois solicitei a transferência para a habilitação Supervisão Escolar, finalizei a graduação em 1985. Durante a graduação, em 1982, fui transferida para a Diretoria de Educação que atendia os municípios da grande Florianópolis. Atuei até 1990, quando mudei da cidade de Florianópolis para a cidade de São Paulo, para realizar o Mestrado em Educação e Currículo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990-1993). No mestrado fui aluna de Paulo Freire. Participei do seu Grupo de Pesquisa: Os excluídos da Escola. Aceitei o seu convite de fazer uma pesquisa sobre a visão de pais, mães e responsáveis por alunos sobre a participação no Conselho de Escola. A proposta de participação tinha o sentido de tomada de decisão. Das entrevistas feitas na pesquisa 4 foram publicadas por Paulo Freire em sua Obra: “Educação e Política”, publicada pela Editora Cortez, em 1993. Em 1994 iniciei o Doutorado na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. A pesquisa foi sobre a Reforma Curricular Pombalina (1759-1772), a pesquisa de documentos originais foi realizada em Portugal, na Torre do Tombo, Museu Histórico Ultramarino, em Lisboa, e na Universidade de Coimbra, sob a supervisão de Antonio Nóvoa. Em 2001, iniciei como professora de Ensino Superior no Curso de Pedagogia. Em 2004, atuei no Mestrado em Bioética, no Centro Universitário São Camilo. Em 2005, iniciei a trajetória como professora, pesquisadora e orientadora no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), em 2020 no Doutorado em Educação, em 2015 Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais. Nesses anos, na experiência na área de Educação, venho atuando principalmente nos seguintes temas: Educação e Bioética,

Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade, História de Vida, Memória, Narrativa (Auto) Biográfica, Educação Estética na formação inicial e continuada de professores, gestores e pesquisadores. Líder do Grupo de Pesquisa cadastrada no CNPq: Educação Estética, Formação e Narrativa. A produção intelectual envolve, livros: Educação, Ética e Moral; A Estética do Espaço Escolar; Educação Estética, Narrativas e Arte na Formação de Professores. Artigos: Documento autobiográfico: costuras estéticas nos processos narrativos da prática docente; Tecnologia educacional digital na educação básica: estética do empoderamento nas narrativas discentes; Formação do Professor Pesquisador: um processo de desenvolvimento da autonomia e de escuta dos sujeitos; Colcha de Retalhos: a estética de si na narrativa pictográfica no paradigma singular plural, entre outros.

Dialogia: Qual o seu entendimento a respeito da construção do campo das produções de autobiografias de educadores no Brasil?

Margaréte May Berkenbrock Rosito: Em primeiro lugar, agradeço o convite para refletir sobre o lugar na narrativa autobiográfica na Educação. Em segundo lugar, contar a trajetória da narrativa autobiográfica no Brasil vem se constituindo como campo de estudos desde 2004, com o I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica (I CIPA), em Porto Alegre, organizado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão. O II Congresso de Pesquisa (Auto) Biográfica aconteceu em 2006, em Salvador, organizado por Elizeu Clementino de Souza. O III CIPA, aconteceu em 2008, em Natal, organizado por Maria da Conceição Passegi. Nesta edição do Congresso nasceu a Biograph, Associação de Pesquisa (Auto) Biográfica, da qual faço parte como Membro Fundador. Em 2010, ocorreu em São Paulo, o IV CIPA, organizado por Paula Vicentin; O V CIPA, em 2012, voltou para Porto Alegre, organizado por Maria Helena Abrahão. O VI CIPA aconteceu em 2014, no Rio de Janeiro, organizado por Ana Christina Mignot. VII CIPA aconteceu no ano de 2016, em Cuiabá, organizado por Filomena Arruda Monteiro. O VIII CIPA, aconteceu em 2018, em São Paulo, organizado por Ecleide Furlanetto. Em 2020, no contexto pandêmico, o IX CIPA aconteceu online, em Brasília, organizado por Rodrigo Matos de Souza. Em 2024, aconteceu o X CIPA, em Salvador, organizado por Elizeu Clementino de Souza. O Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica e a Biograph, tendo como foco a narrativa autobiográfica como campo de estudo na Educação está em conexão internacional com as Histórias de Vida, com pesquisadores da França e Portugal, entre outros países na Europa. Na América do Norte, podemos destacar o Canadá, e os países da América do Sul e América Central. Os pesquisadores vêm participando das edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica em conjunto com os pesquisadores brasileiros a reflexão tem sido que a narrativa autobiográfica está para além de um método de pesquisa e tem como centro de estudo a experiência humana inserida na sua subjetividade, nos saberes que são construídos da experiência de vida, do vivido que é narrado, da História de Vida, Relato de vida. Para abordarmos a narrativa autobiográfica é importante observar o que Passeggi tem destacado em suas publicações, que é o seguinte: o termo autobiografia é um gênero discursivo consagrado no campo da Literatura. Por isso, para Passeggi na área da Educação utiliza-se narrativa autobiográfica, que significa: a escrita da vida, para demarcar um campo de estudos na área da Educação. Essa constituição distancia-se de conceitos de outras áreas do conhecimento, por exemplo, da Sociologia. Entretanto, a perspectiva da narrativa autobiográfica é interdisciplinar, pressupõe um diálogo com todas as áreas do conhecimento sem se limitar às noções de método destas áreas do conhecimento. A narrativa autobiográfica vai além de um método de pesquisa para a promoção da reflexividade e avanço no caminho da produção de conhecimento. Finger, Nóvoa, Pineau, Josso, Dominicé, abriram caminho para mostrar a importância do método autobiográfico não apenas como saber só crítico, reflexivo ou histórico, mas, fundamentalmente, porque se trata de uma Pesquisa Formação no campo da Educação. Por fim, a narrativa autobiográfica constitui-se em Pesquisa Formação porque a pessoa ao fazer a escrita de si, ao narrar sua experiência vivida, forma-se. Uma vez que a

narrativa autobiográfica valoriza a compreensão que se desenvolve no interior da pessoa a partir das vivências experimentadas. Para Marie-Christine Josso a experiência é a reflexão da vivência ao longo da vida. Para Delory: “Nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.” (DELORY-MOMBERGER, 2009, p. 9). Assim, a experiência das vivências experimentadas é a matéria-prima da narrativa autobiográfica. A narrativa autobiográfica organiza pessoas, coisas e eventos no tempo e no espaço. Convém ressaltar, que no Brasil, o pioneiro a trabalhar com a narrativa autobiográfica foi Paulo Freire, que trabalhou em Genebra, com o a primeira geração das Histórias de Vida na formação de Educadores: Pineau, Josso e Nóvoa. Ao trazer a história de vida dos sujeitos para o ensino pode-se dizer que Paulo Freire inaugurou Antropologia Educacional.

Dialogia: Como você concebe as contribuições de suas pesquisas no campo das autobiografias?

Margaréte May Berkenbrock Rosito: Preciso contar a História da metodologia da Colcha de Retalhos, um dispositivo investigativo e formativo, que venho desenvolvendo desde 2001, na graduação do Curso de Pedagogia, como proposta que surgiu de alunos e alunas ao assistirem ao filme **Colcha de Retalhos (How to Make an American Quilt)**, de Mocolin Moorhouse, EUA, 1995), em 2001, dando origem a uma Colcha de Retalhos física, produzida com os retalhos, denominados como narrativas autobiográficas pictográficas, que cada participante elaborou com sua história de vida, num movimento mais solitário e individual.

Desde então, a metodologia “Colcha de Retalhos” vem sendo construída coletivamente com os estudantes e pesquisadores, passo a passo, uma nova etapa ou estratégia surge diante da crítica dos participantes. O próprio dispositivo se vale desta metáfora da colcha composta por retalhos, considerando as diversas contribuições para a constituição da relação parte/todo, elaborado gradativamente, assumindo novos formatos e características, em diferentes contextos, como no caso da pandemia de Covid-19, com o distanciamento social, quando foram necessárias adaptações para sua aplicação no ambiente virtual.

A “Colcha de Retalhos” passou a ser utilizada também nos Programas de Pós-graduação, primeiramente, para o Mestrado em Bioética, em 2005, e em 2006 para o Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado Acadêmico e Doutorado) e Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais, a fim de ampliar a construção de conhecimento sobre o mundo e sobre como o participante atua nele, para contribuir para a emancipação e autonomia dos pesquisadores. A primeira narrativa autobiográfica produzida pelos estudantes de Pedagogia foi a pictográfica, ou seja, o retalho físico retratando sua trajetória de vida, como foi feito no filme que a turma assistiu, **Colcha de Retalhos**. Contudo, este movimento não se mostrou suficiente para o grupo, devido a curiosidade de todos em conhecer a história do colega, em entender o que estava representado naquele retalho.

Assim, houve uma roda, em que cada participante expôs seu retalho e contou sobre sua história de vida, instituindo a narrativa oral. Novamente, percebia-se a necessidade de algo mais sistematizado, pensado, de modo a conseguir organizar melhor as reflexões suscitadas pela imagem e pela oralidade. Surge então a narrativa escrita, que foi sendo pautada por diferentes etapas e estratégias: na narrativa escrita, a primeira estratégia é a descrição de 3 cenas escolares marcantes, descrever se relação com o conhecimento, com o professor foi de autonomia ou submissão? Pensar: que aluno fui? A segunda estratégia é linha da vida, mapear os momentos charneiras (Josso), em determinado tempo e espaço; a terceira estratégia: descrever cenas dos filmes que foram marcantes, mapeando algumas metáforas que aparecem nas cenas. Por exemplo: morangos, ventania, corvo, entre outras. Todo este processo de concepção de uma nova metodologia formativa e investigativa, faz com que os participantes assumam seu papel criador e autoral, experimentando na prática conceitos como autonomia e emancipação tão caros a ela. Vivencia no cotidiano a ideia de inacabamento do sujeito, do processo constante de formação docente, que vai sendo construído com estudos, mas também

com as experiências compartilhadas com os outros, sejam estudantes, pesquisadores, docentes ou gestores.

Assim, a metodologia da Colcha de Retalhos é um modo de narrar sobre si em 3 dimensões: narrativa escrita, narrativa oral e narrativa pictográfica.

A arte está presente no dispositivo “Colcha de Retalhos” em vários momentos, seja na exibição do filme, na escolha das metáforas, na escrita, na oralidade, mas principalmente na produção de arte proposta na narrativa autobiográfica pictográfica, quando o participante é convidado a transpor suas memórias para imagens, compostas de diversas técnicas e com materiais diferentes. Torna-se uma possibilidade de enfrentamento da racionalidade pura, no espaço acadêmico, lutando contra a fragmentação do sujeito, promovendo situações de aprendizagem na tentativa de equilibrar sensível e racional, como uma dimensão estética da formação.

Dialogia: Em seu entendimento quais os maiores desafios ao se orientar pesquisas que optam pela autobiografia?

Margaréte May Berkenbrock Rosito: Destacarei o dispositivo da metodologia Colcha de Retalhos como contribuição à produção de narrativas autobiográficas. O maior desafio consiste na sistematização da história da trajetória autoformativa. Josso (2004) destaca uma dificuldade que muitos indivíduos têm para identificar as circunstâncias que promoveram transformações em suas vidas. Para auxiliar nessa tomada de consciência, é necessário interrogá-los sistematicamente sobre determinados acontecimentos ou situações com uma perspectiva atual resultante de uma reflexão. Por isso, Josso (2006) alerta que o trabalho biográfico não se deve limitar apenas a resgatar lembranças pertinentes dos indivíduos por meio do levantamento de questões, mas precisa chegar nos momentos-charneira, aqueles que transformaram as vidas, que trouxeram novas visões e perspectivas sobre os modos de ser e viver. Esses são os momentos que permitem que o sujeito compreenda como sua história se constitui como um processo de formação, articulando presente, passado e futuro. Neste sentido, o dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos”, que desenvolvo desde 2001, traz propostas que auxiliam nesta sistematização, como uma das etapas da construção da narrativa escrita é a construção do quadro “Linha da Vida”, em que o participante reconhece os momentos que se constituíram como “divisores de água” de sua vida, acontecimentos que transformaram modos de ver, pensar e sentir e que, mesmo esquecidos com o tempo, fundamentam a existência dos sujeitos, orientam suas atitudes e delinham decisões, isto é, os momentos-charneira (Josso, 2004). O quadro “Linha da Vida” tem como objetivo fazer o levantamento desses acontecimentos, delimitando os espaços e tempos, com foco em diversos aspectos da vida, como família, escola, vida acadêmica, profissional e pessoal. Desse modo, esse quadro permite que o sujeito sintetize os momentos considerados “charneiras”, que marcaram seu percurso e decidiram sua trajetória na experiência formativa.

Dialogia: Como entende as contribuições das autobiografias para o desenvolvimento profissional dos educadores?

Margaréte May Berkenbrock Rosito: Algumas especificidades tornam o dispositivo Colcha de Retalhos bastante diferenciado frente a outras práticas de trabalho com narrativas autobiográficas, como a diversidade de dimensões e modos de narrar em três dimensões: escrita, oral e pictográfico, e de expressar, dentre tantas outras questões. Esse exercício de diferentes modos de narrar sobre a história de vida possibilita que o sujeito reflita sobre os acontecimentos passados e entenda o que foi formativo ou não em sua trajetória, de estar consciente de como suas experiências influenciam sua atuação como profissional e como pessoa. Na “Colcha de Retalhos”, a narrativa escrita e narrativa pictográfica são momentos individuais e a narrativa oral e a costura dos retalhos formando a Colcha de Retalhos, são momentos do coletivo. Josso (2010) compreende esse processo reflexivo

como atividades coletivas e individuais que alimentam a tomada de consciência, construindo um processo de conhecimento a fim de compreender a formação do sujeito e de seu lugar nesse contexto.

Nesse contexto, o narrador pode-se conceber como um sujeito histórico, expressão utilizada por Freire (1987), dentro de uma visão de Educação Libertadora, que pressupõe o diálogo, a troca com o outro como base para a construção de conhecimento. Assim, o dispositivo “Colcha de Retalhos” oportuniza aos indivíduos, via dimensão estética, a concepção de si como um sujeito histórico e através do pensar e repensar sua história, cria-se possibilidade de ressignificá-la e encontrar os processos formativos de sua trajetória. Assim, compreendemos que o trabalho com narrativas confronta as práticas de Educação Bancária, imobilistas, que desconfiguram os seres, como meros reprodutores ou simples receptores de conhecimento, como aponta Freire (1987). Essa libertação também precisa considerar o sujeito frente a uma sociedade influenciada pela indústria cultural, conceito desenvolvido por Adorno (2020), destacando o quando os indivíduos são influenciados pelas mídias e tornam-se seres alienados da situação em que se encontram, principalmente por não se verem neste processo de alienação e massificação.

Aqui cabe destacar que dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos” como deflagrador de produção de narrativas autobiográficas apresenta como cerne a Educação Estética, concebida por Schiller (2017), como a possibilidade da formação do sujeito integral, considerando os impulsos sensível e racional, buscando o equilíbrio entre estes por meio do impulso lúdico. A estética é também compreendida com o apoio de Adorno e Horkheimer (2006), que discutem a estética da massificação cultural, e em Freire (2023), para quem a estética é vista como desenvolvimento da autonomia, autoria e emancipação.

O dispositivo foi tomando forma em 2002, foi apresentado num congresso no Chile em 2004 e depois levado a outras universidades, como no Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2010, com a Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres e a então mestranda Amanda Diléia Jablonski do Programa Pós-Graduação em Educação da UFPel, que teve como um dos frutos o livro: *Costurando nossas histórias*. A partir dessa experiência, Peres, Berkenbrock-Rosito e Jablonski (2010) destacam que neste processo da construção das narrativas autobiográficas surgem o belo e o não belo de nossas memórias. “Ambos podem traduzir-se em experiências fundadoras e imagens autoformadoras, uma vez que fazem parte dos reservatórios do vivido”. (Peres, Berkenbrock-Rosito, Jablonski, 2010, p. 30)

Outra reverberação importante da “Colcha de Retalhos” foi na Universidade Tiradentes (UNIT), em Sergipe, em 2012, no 5º Encontro Internacional de Formação de Professores. Nessa ocasião, foi desenvolvida uma oficina organizada por Berkenbrock-Rosito em parceria com a Prof.^a Dr.^a Ada Augusta Celestino Bezerra, que culminou na produção do livro: *Transdisciplinaridade na Educação de Jovens e Adultos: Colcha de Retalhos, conhecimento, emancipação e autoria*.

A respeito desta experiência, Bezerra e Santos (2013) apontam que a construção coletiva da “Colcha de Retalhos” com as histórias de vida de alfabetizadores e alfabetizados de jovens e adultos no Sergipe, de coordenadores, formadores e pedagogos em formação, vivenciadas também pelas autoras, pode representar os modos de vida cotidiana, orientados pela memória e pela experiência de cada educador. Neste processo, fica evidente “a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade com uma abordagem multirreferencial que integra os diferentes registros do pensar humano” (Bezerra, Santos, 2013, p. 47). O dispositivo foi sendo reconhecido em diferentes espaços acadêmicos ao longo dos anos, como demonstram os registros da exposição do dispositivo “Colcha de Retalhos” no VIII Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), de 2018, realizado em São Paulo.

Figura 1 - Colchas de Retalhos exposta – CIPA 2018



Fonte: Acervo Berkenbrock-Rosito

Figura 2 - Colcha de Retalhos expostas – CIPA 2018



Fonte: Acervo Berkenbrock-Rosito

Assim, o dispositivo foi sendo utilizado, aprimorado e seu referencial teórico foi sendo ampliado e aprofundado, aplicado em diferentes instituições como possibilidade de formação e investigação, como mais recentemente no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, sediada na cidade de Sobral, interior do Ceará. Este trabalho foi abordado no artigo “Trajetória de vida e educação: narrativa (auto)biográfica de uma estudante de pedagogia”, pela graduanda Dejané Oliveira de Menezes e pela Prof.^a Dr.^a Andrea Abreu Astigarraga.

Dialogia: Que traços gostaria de destacar como sendo os mais importantes que tem observado nas pesquisas autobiográficas?

Margaréte May Berkenbrock Rosito: Penso ser importante focar no princípio epistemológico da narrativa autobiográfica que se vislumbra traços de desenvolvimento da autonomia, como princípio estético da autoria, autonomia e emancipação dos sujeitos. Apoiamo-nos, também, nos princípios teóricos do paradigma singular-plural da abordagem autobiográfica de Josso (2010). No paradigma singular-plural (Josso, 2006), no âmbito da pesquisa formação, há a possibilidade de ressignificação de si, considerando diferentes perspectivas ao olhar para o que foi vivenciado. A reorganização da compreensão da vida mediante a produção de narrativas autobiográficas não apenas proporciona espaços e tempos de escuta, mas também permite criar e pensar os momentos charneiras, que são os momentos na sua trajetória foram momentos divisores de água. O sujeito pensava de uma maneira e passa a pensar de outro modo. Esses movimentos desvelam aprendizagens advindas de experiências estéticas no tempo e espaço que podem ser ressignificadas a partir da própria experiência de ser produtor de saberes e não apenas consumidor de teorias. Legitimar a experiência da existência de si através da narrativa autobiográfica é a validação deste lugar e do objeto de estudo. Portanto, faz-se necessário compreender que cada um traz uma história e que o sujeito, ao narrar, vivencia uma série de sensações no momento, e estes são fatores fundamentais para o estabelecimento das conexões para construção do conhecimento.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

BIOTO, Patricia Aparecida; TERÇARIOL, Adriana Aparecida de Lima. Formas de dizer de si e do mundo: autobiografias e de educadores. Entrevistada: Margaréte May Berkenbrock Rosito. *Dialogia*, São Paulo, n. 49, p. 1-7, e27323, maio/ago. 2024.
<https://doi.org/10.5585/49.2024.27323>

Psychological Association (APA)

Bioto, P. A., & Terçariol, A.A.de.L. (2024, jan./abr.). Formas de dizer de si e do mundo: autobiografias e de educadores. Entrevistada: Margaréte May Berkenbrock Rosito. *Dialogia*, São Paulo, n. 49, p. 1-7, e27323. <https://doi.org/10.5585/49.2024.27323>